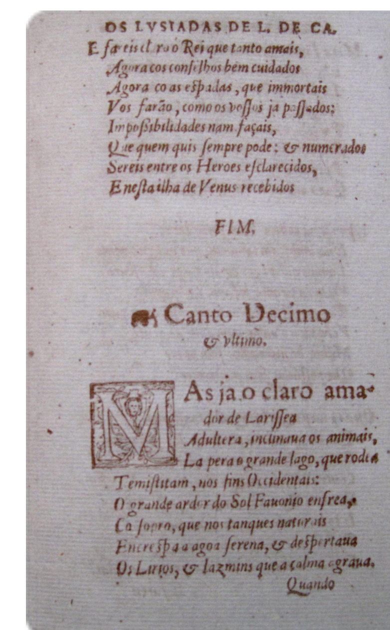


Canto Décimo





OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados
Agora co as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades nam façais,
Que quem quis sempre pode: & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos

FIM.

Canto Decimo
& vltimo.

MAs ja o claro amador de Larissea
Adultera, inclinaua os animais,
La pera o grande lago, que rodea
Temistitam, nos fins Occidentais:
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,
Co sopro, que nos tanques naturais
Encrespa a agoa serena, & despertaua
Os Lirios, & Iazmins que a calma agraua.

Quando

Canto Décimo



1

Canto X

Mas já o claro amador da Larisseia
Adúltera, inclinava os animais,
Lá para o grande lago, que rodeia
Temistitão, nos fins Ocidentais;
O grande ardor do Sol Favónio enfreia,
Com o sopro, que nos tanques naturais
Encrespa a água serena, e despertava
Os Lírios, e Jasmins que a calma agrava.



2

Canto X

Quando as formosas Ninfas com os amantes
Pela mão já conformes e contentes
Subiam para os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes;
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas, de altos manjares, excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.



3

Canto X

Ali em cadeiras ricas cristalinas,
Se assentam dois e dois, amante e dama,
Noutras à cabeceira de ouro finas,
Está com a bela Deusa o claro Gama;
De iguarias suaves e divinas
A quem não chega a Egípcia antiga fama,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlântico tesouro.



4

Canto X

Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do Itálico Falerno
Mas da ambrósia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno;
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando com a mistura de água fria.



5

Canto X

Mil práticas alegres se tocavam
Risos doces, subtis, e argutos ditos
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres apetitos;
Músicos instrumentos não faltavam
Quais no profundo reino, os nus espíritos
Fizeram descansar da eterna pena,
Com uma voz duma angélica Sirena.



6

Canto X

Cantava a bela Ninfa, e com os acentos
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual, os instumentos
Suaves vêm a um tempo conformando;
Um súbito silêncio enfreia os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As águas e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.



7

Canto X

Com doce voz está subindo ao Céu
Altos varões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras Ideias viu Proteu,
Num globo vão, diáfano, rotundo,
Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos, e depois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memória
Recolheu logo a Ninfa a clara história.



8

Canto X

Matéria é de Coturno, e não de Soco
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Feaces um, outro em Cartago.
Aqui minha Calíope te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago,
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.



9

Canto X

Vão os anos descendo, e já do Estio
Há pouco que passar até ao Outono,
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono,
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, com o que quero à nação minha.



10

Canto X

Cantava a bela Deusa, que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Índico suspira;
E que os Gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a ele, ou logo à morte.



11

Canto X

**Cantava dum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que só por não quebrar com os singulares
Barões, os nós que dera de amizade,
Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente;
Que tais ódios terá com a nova gente.**



12

Canto X

E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remédio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Aquiles Lusitano;
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o férvido Oceano,
Quando mais na água os troncos, que gemerem
Contra sua natureza se meterem.



13

Canto X

Mas já chegados aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor imenso do Oriente
Que verá tanto obrar tão pouca gente.



14

Canto X

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor;
Fará que todo o Naire enfim se mova,
Que entre Calecu jaz, e Cananor,
De ambas as leis inimigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.



15

Canto X

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado;
Cometerá outra vez não dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.



16

Canto X

**Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-á lugares, templos, casas,
Aceso de ira o Cão, não vendo lassos
Aqueles que as cidades fazem rasas;
Fará que os seus de vida pouco escassos
Cometam o Pacheco que tem asas
Por dois passos num tempo, mas voando
Dum noutro, tudo irá desbaratando.**



17

Canto X

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime,
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime;
Já não verá remédio, ou manha boa
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inventará traições, e vãos venenos,
Mas sempre (o céu querendo) fará menos.



18

Canto X

Que tornará a vez sétima (cantava),
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa e agrava,
Mas contudo este só o fará confuso;
Trará para a batalha horrenda e brava,
Máquinas de madeiros fora de uso,
Para lhe abalroar as Caravelas,
Que até ali vão lhe fora cometê-las.



19

Canto X

Pela água levará serras de fogo
Para abrasar-lhe quanta armada tenha,
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vã a braveza com que venha;
Nenhum claro barão no Márcio jogo,
Que nas asas da fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a ilustre Grécia, ou Roma.



20

Canto X

**Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas
Tantos Cães não imbeles profligados;
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros invocados
Descerão a ajudá-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.**



21

Canto X

Aquele que nos Campos Maratónios
O grão poder de Dário estrui e rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemónios
O passo de Termópilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fábio
Foi como este na guerra forte e sábio.



22

Canto X

Mas neste passo a Ninfa o som canoro
Abaixando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baxa voz envolta em choro
O grande esforço mal agardecido;
Ó Belisário, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te.



23

Canto X

Aqui tens companheiro assim nos feitos
Como no galardão injusto e duro,
Em ti e nele veremos altos peitos,
A baixo estado vir humilde, e escuro;
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rei, e à lei servem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.



24

Canto X

Isto fazem os Reis, quando embebidos
Numa aparência branda que os contenta,
Dão os prémios de Aiace merecidos,
À língua vã de Ulisses fraudulenta;
Mas vingo-me que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-nos logo a avarentos lisonjeiros.



25

Canto X

Mas tu de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, o Rei só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É ele para dar-te um reino rico;
Enquanto for o mundo rodeado
Dos Apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro
E tu nisto culpado por avaro.



26

Canto X

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome real, e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado
Tanto como qualquer Romano antigo;
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fértil áspero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido Tirano.



27

Canto X

Também farão Mombaça, que se arreia
De casas sumptuosas e edifícios,
Com o ferro e fogo seu, queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios;
Depois na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos, e artifícios,
Contra os Lusos; com velas, e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.



28

Canto X

**Das grandes naus, do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, com a férrea pela
Que sai com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela,
Depois lançando arpéus ousadamente
Na capitaina inimiga; dentro nela
Saltando, o fará só com lança e espada
De quatrocentos Mouros despejada.**



29

Canto X

**Mas de Deus a escondida providência
Que ela só sabe o bem de que se serve
O porá onde esforço, nem prudência
Poderá haver que a vida lhe reserve;
Em Chaúl, onde em sangue e resistência
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egipto e de Cambaia.**



30

Canto X

Ali o poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, só com força rende,
Os ventos que faltaram e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende,
Outro Ceva verão que espedaçado
Não sabe ser rendido nem domado.



31

Canto X

Com toda uma coxa fora que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara;
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que com alma o corpo se liara,
Ela solta voou da prisão fora,
Onde súbito se acha vencedora.



32

Canto X

**Vai-te alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena,
Que o corpo que em pedaços se apresenta
Quem o gerou vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grã tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De Esperas, Basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.**



33

Canto X

Eis vem o pai com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos;
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos geolhos
Nas inimigas naus senti-lo-á o Nilo,
Podê-lo-á o Indo ver e o Gange ouvi-lo.



34

Canto X

Qual o Touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum Carvalho ou alta Faia
E o ar ferindo, as forças experimenta;
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaixando-lhe a túmida ousadia.



35

Canto X

E logo entrando fero na enseada
De Diu, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas;
A de Melique Iaz, acautelada,
Com os pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do húmido elemento.



36

Canto X

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar de seus senhores,
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores,
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.



37

Canto X

Mas ah, que desta próspera vitória,
Com que depois virá ao pátrio Tejo
Quase lhe roubará a famosa glória
Um sucesso que triste e negro vejo,
O Cabo Tormentório que a memória
Com os ossos guardará; não terá pejo
De tirar deste mundo aquele espírito,
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.



38

Canto X

Ali Cafres selvagens poderão,
O que destros inimigos não puderam,
E rudos paus tostados sós farão,
O que arcos e pelouros não fizeram,
Ocultos os juízos de Deus são,
As gentes vãs que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providência de Deus pura.



39

Canto X

Mas ó que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a Ninfa, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava;
Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome, em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De são Lourenço, e em todo o Sul se afamam.



40

Canto X

Esta luz é do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando;
Ali verão as setas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deus peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.



41

Canto X

Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia, e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate, e Calaiate;
Até que à força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barém tributo rico.



42

Canto X

Que gloriosas palmas tecer vejo
Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vã de medo, ou pejo
Toma a ilha ilustríssima de Goa;
Depois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e ocasião espera boa,
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a fortuna, e o próprio Marte.



43

Canto X

Eis já sobre ela torna e vai rompendo
Por muros fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gentios, e de Mouros;
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que Leões famélicos, e Touros,
Na luz que sempre celebrada e digna
Será da Egípcia santa Caterina.



44

Canto X

Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica, e posto que assentada
Lá no grémio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada;
As setas venenosas que fizeste,
Os Crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaus valentes
Todos farás ao Luso obedientes.



45

Canto X

Mais estâncias cantára esta Sirena
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe uma ira que o condena
Posto que a fama sua o mundo cerque;
O grande Capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais há-de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.



46

Canto X

Mas em tempo que fomes, e asperezas
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A Jazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.



47

Canto X

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas com uma escrava vil lasciva e escura;
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Com os seus uma ira insana não refreia,
Põe na fama alva nódoa negra e feia.



48

Canto X

Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente;
Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas, de Panteia em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria.



49

Canto X

Mas, vendo o Ilustre Persa, que vencido
Fora de amor, que enfim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa;
Per força de Judita foi marido
O férreo Balduíno, mas dispensa
Carlos pai dela, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.



Mas prosseguindo a Ninfa o longo canto,
De Soarez cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pôr espanto
Pelas roxas Arábicas ribeiras;
Medina abominável teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, com as derradeiras
Praias de Abássia; Barborá se teme
Do mal de que o Empório Zeila geme.



51

Canto X

A nobre ilha também de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana,
Pela Cortiça cálida, cheirosa,
Dela dará tributo à Lusitana
Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos próprios tão temida.



52

Canto X

Também Sequeira as ondas Eritreias
Dividindo abrirá novo caminho,
Para ti grande império que te arreias
De seres de Candace e Sabá ninho;
Maçuá com Cisternas de água cheias
Verá, e o porto Arquico ali vizinho
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.



53

Canto X

**Virá depois Meneses, cujo ferro
Mais na África que cá terá provado;
Castigará de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado;
Também tu Gama, em pago do desterro
Em que estás e serás inda tornado,
Com os títulos de Conde e de honras nobres,
Virás mandar a terra que descobres.**



54

Canto X

Mas aquela fatal necessidade
De quem ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado com a Régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos;
Outro Meneses logo, cuja idade
É maior na prudência que nos anos,
Governará e fará o ditoso Henrique,
Que perpétua memória dele fique.



55

Canto X

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos da alma todos sete
De cobiça triunfa e incontinência,
Que em tal idade é suma de excelência.



56

Canto X

Mas depois que as estrelas o chamarem,
Sucederás ó forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas;
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.



57

Canto X

**No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás, com o valor de ilustres peitos,
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
Tudo fico que rompas e sometas.**



58

Canto X

Mas na Índia cobiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus, e Justiça te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto;
Quem faz injúria vil, e sem razão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence, que a vitória verdadeira,
É saber ter justiça nua e inteira.



59

Canto X

Mas contudo não nego que Sampaio
Será no esforço ilustre e assinalado
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado;
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha.



60

Canto X

E não menos de Diu a fera frota
Que Chaúl temerá de grande e ousada,
Fará com a vista só perdida e rota,
Por Heitor da Silveira e destroçada;
Por Heitor Português de quem se nota,
Que na Costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.



61

Canto X

A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme
De Chale as torres altas erguerá
Enquanto Diu ilustre dele treme,
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém que nele geme
Melique, porque à força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.



62

Canto X

Trás este vem Noronha, cujo auspício
De Rio os Rumes feros afugenta,
Diu que o peito e bélico exercício
De António da Silveira bem sustenta;
Fará em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo, ó Gama, se experimenta
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarelo.



63

Canto X

Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um, que já será ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O Pirata Francês ao mar usado;
Depois Capitão-mor do Índico mar,
O muro de Damão soberbo e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta
Que fogo e frechas mil terão coberta.



64

Canto X

A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Diu,
Porque contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio;
Depois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o Rei Gentio
De Calecu, que assim com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.



65

Canto X

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E depois junto ao Cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá com o furor do ferro e fogo,
Em si verá Beadala o Márcio jogo.



66

Canto X

**Tendo assim limpa a Índia dos inimigos,
Virá depois com ceptro a governá-la,
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala;
Só quis provar os ásperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala,
De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões desfeita e feia.**



67

Canto X

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem com as obras derivado,
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto em conselho sábio e bem cuidado;
Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte
Português terá sempre levantado,
Conforme sucessor ao sucedido
Que um ergue Diu, outro o defende erguido.



68

Canto X

Persas feroces, Abassis e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Vários de gestos, vários de costumes
Que mil nações ao cerco feras vem
Farão dos céus ao mundo vãos queixumes
Porque uns poucos a terra lhe detém,
Em sangue Português juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.



69

Canto X

Basiliscos medonhos e Leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas com os barões
Que tão ledos as mortes têm por certas;
Até que nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.



70

Canto X

**Fernando um deles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruído,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado, e ao céu subido;
Álvaro quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos.**



71

Canto X

Eis vem depois o pai, que as ondas corta
Com o restante da gente Lusitana
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana;
Uns, paredes subindo escusam porta
Outros a abrem, na fera esquadra insana
Feitos farão tão dignos de memória,
Que não caibam em verso, ou larga história.



Este depois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrépido ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante;
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcão do braço triunfante
Que castigando vai Dábul na costa
Nem lhe escapou Pondá no sertão posta.



73

Canto X

Estes e outros Barões por várias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha;
Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas, que corta a aguda quilha
E acharão estas Ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas empresas.



74

Canto X

Assim cantava a Ninfa e as outras todas
Com sonoroso aplauso vozes davam,
Com que festejam as alegres bodas,
Que com tanto prazer se celebravam;
Por mais que da Fortuna andem as rodas
Numa cônsona voz todas soavam,
Não vos hão-de faltar, gente famosa,
Honra, valor, e fama gloriosa.



75

Canto X

**Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade,
Viram os altos feitos, que descobre
Tétis de graça ornada, e gravidade,
Para que com mais alta glória dobre,
As festas deste alegre e claro dia
Para o felice Gama assim dizia.**



76

Canto X

Faz-te mercê barão a Sapiência
Suprema, de com os olhos corporais
Veres, o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais;
Segue-me firme e forte com prudência
Por este monte espesso, tu com os mais.
Assim lhe diz, e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato.



Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que divino chão pisava;
Aqui um globo vêm no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Com a sua superfície, claramente.



78

Canto X

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto;
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca se ergue, ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, em fim por divina arte.



79

Canto X

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim o Arquetipo, que o criou;
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou,
Diz-lhe a Deusa, ó transunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.



80

Canto X

**Vês aqui a grande máquina do mundo,
Etérea, e elemental, que fabricada
Assim foi do saber alto, e profundo,
Que é sem princípio, e meta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superfície tão limada,
É Deus, mas o que é Deus ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.**



81

Canto X

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil também
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele bem,
Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.



82

Canto X

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano
Júpiter, Juno, fomos fabulosos
Fingidos de mortal e cego engano;
Só para fazer versos deleitosos
Servimos, e se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.



83

Canto X

E também porque a Santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil, que têm prudência,
Governa o mundo todo, que sustenta;
Ensina-lo a profética ciência,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que são bons, guiando favorecem,
Os maus, em quanto podem nos empecem.



84

Canto X

Quer logo aqui a pintura que varia
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deuses já dera, fabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando,
Nem nega que esse nome preminente,
Também aos maus se dá, mas falsamente.



85

Canto X

Enfim que o Sumo Deus, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda;
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste círculo onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro,
Que não se enxerga, é o Móbile primeiro.



86

Canto X

**Com este rapto e grande movimento,
Vão todos os que dentro tem no seio
Por obra deste, o Sol andando atento
O dia e noite faz, com curso alheio;
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento, e subjugado a duro freio,
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.**



87

Canto X

Olha estoutro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que também nele tem curso ordenado,
E nos seus axes correm cintilantes;
Bem vês como se veste e faz ornado
Com o largo cinto de ouro, que estrelantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Febo limitados.



88

Canto X

**Olha por outras partes a pintura,
Que as estrelas fulgentes vão fazendo.
Olha a carreta, atenta a Cinosura,
Andrómeda, e seu pai, e o drago horrendo;
Vê de Cassiopeia a formosura,
E do Orionte o gesto turbulento,
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre, os Cães, a Nau, e a doce Lira.**



89

Canto X

**Debaixo deste grande firmamento,
Vês o céu de Saturno Deus antigo,
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo bélico inimigo,
O claro olho do céu no quarto assento,
E Vénus, que os amores traz consigo,
Mercúrio de eloquência soberana,
Com três rostos debaixo vai Diana.**



90

Canto X

Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave, e noutros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro,
E tem com o mar a terra por seu centro.



91

Canto X

Neste centro pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De sofrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instável experimentam,
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Várias nações, que mandam vários Reis,
Vários costumes seus, e várias leis.



92

Canto X

Vês Europa Cristã mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza;
Vês África dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda cheia de bruteza,
Com o Cabo que até aqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a Natureza;
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quase infinita.



93

Canto X

Vê do Benomotapa o grande império,
De selvática gente, negra e nua;
Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá, pela fé santa sua;
Nasce por este incógnito Hemisfério
O metal, por que mais a gente sua,
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.



94

Canto X

**Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos
Na justiça real, e defensão,
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão
Qual bando espesso e negro de Estorninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaya com destreza.**



95

Canto X

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos
Vê-lo rega, gerando o Crocodilo,
Os povos Abassis de Cristo amigos,
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos,
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama
Que ora dos naturais Nobá se chama.



96

Canto X

Nesta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro,
Há-de ser dom Cristóvão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não há reparo;
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.



97

Canto X

O cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do fundo toma as cores
Este como limite está lançado
Que divide Ásia de África e as melhores
Povoações, que a parte África tem
Maçuá são, Arquico, e Suamquem.



98

Canto X

Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Heroas a cidade,
Outros dizem que Arsínoe, e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade;
Olha as águas, nas quais abriu patente
Estrada o grão Moisés na antiga idade
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.



99

Canto X

Olha o monte Sinai, que se enobrece
Com o sepulcro de santa Caterina;
Olha Toro e Gidá, que lhe falece
Água das fontes doce, e cristalina;
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da seca Adem, que confina
Com a serra de Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos Céus se não deriva.



100

Canto X

Olha as Arábias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vêm os cavalos para a guerra
Ligeiros e ferozes, de alta raça;
Olha a costa que corre até que cerra
Outro estreito de Pérsia, e faz a traça
O Cabo, que com o nome se apelida,
Da cidade Farta que ali sabida.



101

Canto X

Olha Dófar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras;
Mas atenta já cá destoutra banda
De Roçalgate e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras que inda serão claras
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castelo Branco nua a espada.



Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes.
Por aqui entra o lago, que é fechado
De Arábia, e Pérsias terras abundantes.
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
À cor da Aurora; e vê na água salgada
Ter o Tigre e Eufrates uma entrada.



103

Canto X

Olha da grande Pérsia o império nobre
Sempre posto no campo, e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos;
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve
Ela o nome depois, e a glória teve.



104

Canto X

Aqui de dom Filipe de Meneses
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Párseos vencerá de Lara;
Virão provar os golpes e reveses
De dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra à força só de espada.



105

Canto X

Mas deixemos o estreito e o conhecido
Cabo de Jasque dito já Carpela,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura, e dos dons usados dela,
Carmânia teve já por apelido;
Mas vês o formoso Indo, que daquela
Altura nasce junto à qual também
Doutra altura correndo o Gange vem.



Olha a terra de Ulcinde fertilíssima,
E de Jáquete a íntima enseada,
Do mar a enchente súbita grandíssima,
E a vazante que foge apressurada;
A terra de Cambaia vê riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.



Vês corre a costa célebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si;
Por este mar a gente Lusitana
Que com armas virá depois de ti,
Terá vitórias terras, e cidades,
Nas quais hão-de viver muitas idades.



108 **Canto X**

**As províncias, que entre um e o outro rio
Vês, com várias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demónio leis escritas;
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas,
Do corpo de Tomé, barão sagrado,
Que a Jesus Cristo teve a mão no lado.**



109

Canto X

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica;
Os Ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
Longe do mar naquele tempo estava;
Quando a fé, que no mundo se publica,
Tomé vinha pregando, e já passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.



110

Canto X

Chegado aqui pregando, e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar vagando,
Um lenho de grandeza desmedida;
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira, e não duvida
Poder tirá-lo a terra com possantes
Forças de homens, de engenhos de Elefantes.



111

Canto X

Era tão grande o peso do madeiro
Que só para abalar-se, nada abasta,
Mas o núncio de Cristo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negócio gasta;
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.



Sabia bem que se com fé formada
Mandar a um monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assim lho ensinou Cristo, e ele o prova;
A gente ficou disto alvoraçada,
Os Brâmenes o têm por cousa nova,
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.



113

Canto X

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja,
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja;
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não há tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.



114

Canto X

Um filho próprio mata, e logo acusa
De homicídio Tomé, que era inocente
Dá falsas testemunhas, como se usa
Condenaram-no à morte brevemente;
O Santo que não vê melhor escusa,
Que apelar para o Padre omnipotente,
Quer, diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.



O corpo morto manda ser trazido
Que ressuscite, e seja perguntado,
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho o seu mais aprovado;
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesus crucificado,
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida
E descobre seu pai ser homicida.



116

Canto X

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na água santa,
E muitos após ele, um beija o manto
Outro louvor do Deus de Tomé canta;
Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo em fim de tudo.



117

Canto X

Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruído,
Já Cristo neste tempo lhe ordenava,
Que padecendo fosse ao Céu subido;
A multidão das pedras, que voava,
No Santo dá já a tudo oferecido,
Um dos maus por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.



Choraram-te Tomé, o Gange e o Indo,
Chorou-te toda a terra que pisaste,
Mais te choram as almas, que vestindo
Se iam da santa Fé, que lhe ensinaste;
Mas os Anjos do céu cantando, e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste,
Pedimos-te, que a Deus ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.



119

Canto X

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a santa fé?
Olhai que se sois Sal, e vos danais
Na pátria, onde Profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas Heresias?



120

Canto X

**Mas passo esta matéria perigosa,
E tornemos à costa debuxada,
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangética enseada,
Corre Narsinga rica, e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.**



Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes pecadores,
Esta água santa os lava, e dá pureza;
Vê Catigão cidade das melhores
De Bengala província, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.



Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
Duma mulher e um cão, que sós se acharam;
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.



123

Canto X

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o império tão comprido,
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que Pimenta ali têm produzido;
Mais avante fareis que se conheça
Malaca, por Império enobrecido,
Onde toda a província do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.



124

Canto X

Dizem que desta terra com as possantes
Ondas o mar entrando dividiu,
A nobre Ilha Samatra, que já de antes
Juntas ambas a gente antiga viu;
Quersoneso foi dita, e das prestantes
Veias de ouro, que a terra produziu,
Áurea por epíteto lhe ajuntaram,
Alguns que fosse Ofir imaginaram.



125

Canto X

Mas na ponta da terra Singapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita,
Daqui tornando a costa à Cinosura
Se encurva, e para a Aurora se endireita;
Vês Pam, Patane, reinos e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai se chama.



126

Canto X

Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra e número potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas;
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam de selvagens vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.



127

Canto X

Vês passa por Camboja Mecom Rio,
Que capitão das águas se interpreta,
Tantas recebe de outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta,
Tem as enchentes quais o Nilo frio,
A gente dele crê como indiscreta,
Que pena e glória têm depois de morte
Os brutos animais de toda sorte.



128

Canto X

Este receberá plácido e brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vêm do naufrágio triste, e miserando,
Dos procelosos baixos escapados;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele, cuja Lira sonorosa,
Será mais afamada que ditosa.



129

Canto X

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso ornada,
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada,
Aqui o soberbo império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.



Olha o muro, e edifício nunca crido,
Que entre um império e o outro se edifica
Certíssimo sinal, e conhecido,
Da potência real, soberba e rica;
Estes o Rei que têm não foi nascido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica
Mas elegem aquele que é famoso
Por cavaleiro sábio e virtuoso.



131

Canto X

Inda outra muita terra se te esconde
Até que venha o tempo de mostrar-se,
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais afamar-se;
Esta meia escondida que responde
De longe à China donde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que ilustrada será com a Lei divina.



132

Canto X

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Vê Tidore, e Ternate, com o fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas
As árvores verás do Cravo ardente,
Com o sangue Português inda compradas,
Aqui há as áureas aves, que não descem
Nunca à terra, e só mortas aparecem.



133

Canto X

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da vária cor, que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde Noz tomando seu tributo;
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas, no licor coalhado e enxuto,
Das árvores, que Cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.



Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo salutífero, e cheiroso,
Olha a Sunda tão larga, que uma banda
Esconde para o Sul dificultoso;
A gente do Sertão, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que por onde ele só sem outro vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.



135

Canto X

**Vê naquela que o tempo tornou Ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora,
Cheiroso mais que quanto estila a filha
De Ciniras, na Arábia onde ela mora,
E vê que tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.**



136

Canto X

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana,
Os naturais o têm por cousa santa,
Pela pedra onde está a pegada humana;
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta
No profundo das águas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por Antídoto excelente.



137

Canto X

Verás defronte estar do roxo rstreito
Socotorá com o amaro Aloé famosa,
Outras ilhas no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde sai do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo oculta, e preciosa,
De são Lourenço vê a Ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada.



138 **Canto X**

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais;
Mas é também razão, que no Ponente
Dum Lusitano um feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se agravado
Caminho há-de fazer nunca cuidado.



139

Canto X

Vedes a grande terra que contina
Vai de Calisto ao seu contrário pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo,
Castela vossa amiga será digna
De lançar-lhe o colar ao rudo colo,
Várias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes diferentes.



140

Canto X

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também com o pau vermelho nota,
De Santa Cruz, o nome lhe poreis,
Descobri-la-á a primeira vossa frota;
Ao longo desta costa que tereis
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Português, porém não na lealdade.



Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antárctico pólo vai da linha,
Duma estatura quase Giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais avante o estreito, que se arreia
Com o nome dele agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.



142

Canto X

Até aqui, Portugueses, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos;
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceitos
As eternas esposas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.



143

Canto X

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo para a pátria amada;
Assim lhe disse, e logo movimento
Fazem da Ilha alegre, e namorada,
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada,
Das Ninfas que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.



Assim foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado;
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E à sua pátria, e Rei temido e amado,
O prémio e glória dão, porque mandou
E com títulos novos se ilustrou.



145

Canto X

Não mais Musa, não mais, que a Lira tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida;
O favor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a pátria não, que está metida
No gosto da cobiça, e na rudeza
Duma austera, apagada, e vil tristeza.



E não sei por que influxo de Destino
Não tem um ledo orgulho, e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto;
Por isso vós ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassalos excelentes.



147

Canto X

Olhai que ledos vão, por várias vias,
Quais rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros;
A quentes regiões, a praias frias,
A golpes de Idólatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a peixes, ao profundo.



148

Canto X

Por vos servir a tudo aparelhados
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar resposta prontos e contentes,
Só com saber que são de vós olhados
Demónios infernais, negros e ardentes,
Cometerão convosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.



149

Canto X

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e leda humanidade,
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assim se abre o caminho à santidade;
Os mais experimentados levantai-os,
Se com a experiência têm bondade,
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.



150

Canto X

Todos favorecei em seus ofícios,
Segundo têm das vidas o talento,
Tenham Religiosos exercícios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns, toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro,
Glória vã não pretende nem dinheiro.



151

Canto X

Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente,
Estendem não somente a lei de cima,
Mas inda vosso império preminente;
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dois inimigos vencem, uns os vivos,
(E o que é mais) os trabalhos excessivos.



152

Canto X

**Fazei Senhor que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar os Portugueses;
Tomai conselho só de experimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.**



153

Canto X

De Formião Filósofo elegante
Vereis como Aníbal escarnecia,
Quando das artes bélicas diante
Dele com larga voz tratava e lia;
A disciplina militar prestante
Não se aprende Senhor na fantasia
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.



154

Canto X

Mas eu que falo humilde, baixo e rudo
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado,
Tem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.



155

Canto X

Para servir-vos braço às armas feito,
Para cantar-vos mente às Musas dada,
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada;
Se me isto o céu concede e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada
Como a pressaga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina.



156

Canto X

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter inveja.